

gratvita

Gratuita

volume 1
Chão da Feira
2012

Gratuita

A literatura, inserida no círculo das trocas (sistema que mede o valor de cada coisa por um princípio de equivalência, e no qual o gasto deve ser compensado pela restituição), é simultaneamente uma das linhas de fuga que o interrompe. As palavras não são instrumentos, não têm proprietário, não prestam contas. Essa insubordinação é a sua mais generosa afirmação: o exercício da palavra é o desejo da partilha desmedida, e dá-se com solicitação de resposta, mas sem valor de troca. Isso significa que os seus efeitos são incalculáveis. *Gratuita* decide relançar esse desejo: a literatura como dádiva improvável que se inscreve na incessante reinvenção do comum.

Uma carta

Ana Martins Marques

Uma carta não guarda o tempo
que durou a escrita.
No entanto adivinho
no papel azul
indícios de rascunho
horas de café
palavras cuidadosamente evitadas
e pelo menos três cigarros.
Uma carta não guarda
a vontade que a ditou.
No entanto em tua letra
– o discreto desequilíbrio do t
o i inquieto
e o o em espera –
leio rastros de um hesitante amor.
Decifro assim
o teu ou o meu
desejo?

Imagem, deriva e dança

Júlia Studart

1.

Em entrevista concedida a Pedro G. Romero, Georges Didi-Huberman afirma que um dos conceitos mais importantes para o seu trabalho é o de *sintoma*. E deixa muito claro que com isso não quer dizer que busque o que provoca ou causa o sintoma, o “sintoma de”. O que procura, na verdade, são os próprios sintomas (porque sintoma é um conceito semiótico – fala do sentido –, mas é também corporal). E isso é precisamente um gesto: um movimento do corpo que se encontra investido de certa capacidade de significado ou de expressão. É importante remeter ao sentido da palavra grega “*syntoma*”, que tem a ver diretamente com queda, naufrágio, derrubada, coincidência e acontecimento fortuito (Antelo, 2009, p. 74). E a *imagem*, por sua vez, está numa relação direta com o *gesto*, com o *corpo*, mais ou menos próxima a essa deliberação, a essa atribuição. Porque, lembra Didi-Huberman, o que interessa é, de fato, o que acontece entre o mundo dos signos e o mundo do corpo, e isso é o que seria, precisamente, uma imagem.

Assim, Didi-Huberman elabora o seu conceito de imagem a partir da expressão fugaz da *imagem mariposa*, algo muito mais perto do corpo e do desejo, uma imagem vivente e fulgurada:

Se você realmente quiser ver as asas de uma mariposa, primeiro você tem que matá-la e logo colocá-la em uma vitrina. Uma vez morta, e só então, você pode contemplá-la tranquilamente. Mas, se você quer conservar a vida, que afinal é o mais interessante, só verá as asas fugazmente, em muito pouco tempo, um abrir e fechar de olhos. Isto é a imagem. A imagem é uma mariposa. Uma imagem é algo que vive e que só nos mostra sua capacidade de verdade em um *flash*. (Didi-Huberman, 2007)

Ou seja, a “capacidade de verdade” só ocorre em momentos muito breves, brevíssimos. Esta proposição, apontada na entrevista citada, comparece antes no texto “A imagem mariposa” (2006), quando Didi-Huberman diz acerca dos enganos do pensamento, que constituem, de certa maneira, a ambivalência da imagem, da imagem mariposa, em